

RASTO ATRÁS: O CAÇADOR E O DRAMATURGO

José Hélder Pinheiro Alves*

RESUMO

O objetivo desta comunicação é apresentar os conflitos entre Vicente (futuro dramaturgo) com seu velho pai, o caçador João José, personagens da peça *Rastro Atrás*, de Jorge Andrade. Os desencontros entre pai e filho nascem, sobretudo, de um contexto patriarcal, em que o filho tem pouco poder de escolha. A herança paterna, de bom caçador, na visão de João José, tem que ser passada ao filho. Mas o menino Vicente, encantado com a natureza, resiste, torcendo sempre pela caça. Analisaremos o percurso de desencontro entre pai e filho e o sofrimento que causa aos dois personagens, até o momento final quando há um reencontro.

Palavras-chave; Rastro Atrás – conflito – Jorge Andrade

Introdução

Pensar a palavra conflito, em nossa língua, pode ser um ponto de partida para nossa abordagem. São inúmeras as acepções, mas quase todas aludem à noção de “falta de entendimento” ou de “choque, enfrentamento” entre pessoas. Por certo, mesmo o conflito que se dá no interior do sujeito, pressupõe um embate de idéias, de sentimentos, de caminhos, de escolhas. Necessitamos não apenas localizar conflitos, mas também refletir sobre o que os motiva e, sobretudo, etentar para o fato de que eles podem ser um significativo instrumento de auto-conhecimento, de conhecimento do outro e de questões que estão no centro de determinados embates.

Se nos detivermos especificamente ao conflito de gerações, é possível afirmar que ele, quando não descamba para a intolerância e a violência, pode ser revelador e importante instrumento de novas descobertas – artísticas, econômicas, políticas. Discutiremos sobre o modo como se dá o conflito de gerações na peça *Rastro atrás*, do dramaturgo paulista Jorge Andrade. Faremos, inicialmente, um rápido resumo do enredo, que se constitui a partir do conflito entre Vicente e seu pai João José. Num segundo momento acompanharemos os momentos de franco desencontro entre pai e filho, para afinal, chegar a uma tentativa de síntese, quando se dá o último encontro entre os dois.

* Professor de Literatura brasileira na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG e do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da UAL-UFCG.

1. Notícias do enredo

Como lembra Anatol Rosenfelde (1970, p.615), Jorge de Andrade manipula o tempo de modo absolutamente livre. Devido a esse procedimento, o leitor não tem uma sequência tradicional, com princípio meio e fim. Desde a primeira cena, em que Vicente, então com 43 anos, está no teatro com Lavínia, sua mulher, até o final, somos colocados diante de uma infinidade de cenas/situações em que diferentes épocas se entrelaçam. Tentaremos resumir o enredo com enfoque mais detido sobre as personagens Vicente e João José, embora saibamos que ele pode ser apresentado dado destaque para outras questões, como, por exemplo, os problemas vividos pelo dramaturgo, que neste artigo não tocaremos.

João José é filho de Mariana, uma viúva que está sempre condenando o marido pela perda de terras e o empobrecimento de sua família. Para a velha matriarca, inicialmente seu filho é a esperança de que a fazenda venha a produzir; mas ele torna-se um exímio caçador, não correspondendo aos desejos da mãe. Já adulto, João José casa-se com Elisaura, moça educada, fina, mas a mãe não vai ao casamento pois acredita que não dará certo. Elisaura e João José, embora afirmarem que se gostam muito, não conseguem se entender; ela lhe dá um filho e morre enquanto ele caça. O filho, Vicente, é criado pelas três tias e desde cedo acostuma-se à leitura. João José espera que o filho seja seu companheiro de caçadas. Desde cedo projeta para ele o seu próprio caminho. Afora o conflito pai e filho, inúmeros outros perpassam a peça: Mariana e o marido que morreu e a quem acusa de ter perdido tudo, de ter a alma muito boa e, sobretudo, de tocar uma flauta - para ela causa de todo o fracasso financeiro da família. Há também o conflito entre Mariana e as filhas Isolina, Etelvina e Jesuína. Poderíamos também apontar os conflitos interiores de Vicente e dele com a esposa, embora atenuadas pela perspicácia da mulher.

Importante ainda lembrar que a peça recobre um largo período de nossa história, que vai de 1922 a 1965. A questão do domínio histórico explica um pouco os tantos conflitos que permeia a peça e se inter-relacionam. Há, por certo, uma mudança no curso da história do país, que de algum modo, redefine papéis sociais e abre novos caminhos, novas possibilidades. Por exemplo, na pequena cidade de Jaborandi, a velha Mariana ainda alcança a chegada do trem que vai desbancar os bondes e que, anos depois, levará seu neto para São Paulo. Estruturalmente, conforme já apontamos, o leitor terá acesso a estes conflitos através de jogos de sobreposição de cenas e quadros de diferentes épocas. Didaticamente, poderíamos apontar a seguinte ordenação do tempo: 1). Mariana ainda viva, com as filhas e

casamento de Vicente; 2) o nascimento de Vicente e, sobretudo, suas primeiras cenas com pai, a partir dos cinco anos, quando ocorrem os primeiros desencontros; 3) Vicente com 15 anos e vivendo em conflito aberto com pai; 4) Vicente com 23 anos, auge do conflito, que o leva a sair de casa; 5) o retorno de Vicente, dramaturgo famoso, e o encontro com pai, já velho, prestes a morrer. Passemos agora à observação e comentários destes momentos de acirramento dos conflitos.

2. O caçador e o dramaturgo

O crítico Richard Morse (1970, p.646), ao comentar sobre a dramaturgia de Jorge Andrade, afirma que a tensão em seu teatro “não provém do tema universal do conflito de gerações, mas de sua implacável investigação para localizar a “realidade” de seu próprio mundo (...)” Não me parece que uma coisa nega a outra. O que talvez fosse mais apropriado dizer é que o conflito de gerações existe e nasce de um conjunto de questões que envolvem mudanças sócio-econômicas drásticas no início do século, sobretudo no sudeste brasileiro; mudança no sistema patriarcal que começa a ser posto em cheque e as próprias inquietações que afligem alguns personagens que desejam encontrar um modo de se comunicar diverso, como ocorre com Vicente.

As personagens centrais desta peça, embora pai e filho, vivenciam, por um período de quase 20 anos, um desencontro cotidiano. João José, o exímio caçador, desde cedo quer levar o filho para o meio do mato, para que aprenda uma “profissão de homem”. Vicente desde cedo revela-se sensível sensível, encantado com a natureza, compadecido com os peixes que o pai pesca e com a caça, vítima da habilidade do pai. Observemos as primeiras cenas de Vicente com o pai:

VICENTE: (5 anos) Papai! Por que a lua está quebrada?

JOÃO JOSE: (Muda o tom) Não estou vendo lua nenhuma no céu, Vicente.

VICENTE: Eu vi no livro.

JOÃO JOSE: É desenho, meu filho.

VICENTE: Vi também no céu e estava quebrada. Por quê, papai:

JOÃO JOSE: Não sei.

VICENTE: (Um pouco aflito) Por que a lua fica quebrada? Quem sabe? Ninguém sabe?

JOÃO JOSE: Vicente!

VICENTE: Senhor!

JOÃO JOSE: Você já sabe laçar?

VICENTE: Não.

JOÃO JOSE: Laçar é mais importante do que saber por que a lua fica quebrada.

VICENTE: Por quê?

JOÃO JOSE: Porque é. Quer aprender?

(p. 463/464)

A cena é rápida e seguida por outra em que João José está no mato, já envelhecido, e parece lembrar o filho. Observa-se que a criança tem uma alma terna, e, através dos sentidos, capta o mundo de forma poética, como se pode perceber pela suas perguntas e pela denominação atribuída à lua. Por outro lado, o pai quer ensinar ao filho algo prático, “laçar”, que é “mais importante do que saber porque a lua fica quebrada”. Neste momento, o pai ainda tolera a inocência do filho, embora a estranhe. Em nenhum momento ele procura se aproximar de Vicente e compreender o modo com ele percebe o mundo. Noutra cena em que Vicente, também com cinco anos, está com o pai, temos acesso a mais um desencontro. Eles se transformarão, mais adiante, em conflito:

JOÃO JOSE: Vicente!

VICENTE: (5 anos): Estou indo, papai.

JOÃO JOSE: Você veio pescar ou não?

(...)

VICENTE: (meio sonhador) Papai!

JOÃO JOSE: (Atento à pescaria) Que é?

VICENTE: Por que a água corre p’ra lá?

JOÃO JOSE: Por causa da queda.

VICENTE: Acho que devia correr ao contrário.

JOÃO JOSE: Mas, não corre.

VICENTE: Seria mais bonito. Passaria primeiro naquela árvore cheia de.... que árvore é aquela, papai?

JOÃO JOSE: Figueira branca. Padrão de terra boa, filho.

VICENTE: A raiz parece escada no barranco. Que é aquilo pendurado na figueira, papai?

JOÃO JOSE: Ninhos de guachos.

VICENTE: Parecem pacotes de balas.

JOÃO JOSE: Pescaria exige silêncio, meu filho.

VICENTE: (Pausa) Nunca passou tanto igarapé florido, como hoje.

JOÃO JOSE: Assim, você não pesca, Vicente.

VICENTE: Um rio de flores e de luas! Papai! Por que os igarapés descem o rio?

JOÃO JOSE: Porque as águas arrancam das margens.

VICENTE: (Aflito) Papai!

JOÃO JOSE: Fica quieto, Vicente!

VICENTE: Olha, Papai!

JOÃO JOSE: Será possível que não pode calar essa boca?

VICENTE: Uma traíra está comendo um lambari!

JOÃO JOSE: E o que é que você pensa que traíra come? Pão-de-queijo?

VICENTE: Salva ele! Salva, papai!

JOÃO JOSE: Assim, você cai no rio, menino!

VICENTE: (Agarra-se às pernas de João José) Atraíra está comendo o lambari! Salva ele, papai!

JOÃO JOSE: Não é possível. Vamos embora! (Olha a cesta) Mas... onde estão os peixes?

VICENTE: Não sei.

JOÃO JOSE: Você soltou outra vez? (p. 495)

Nesta cena mais longa, fica claro o desencontro entre o modo sensível da criança de *ver* e sentir o mundo que o rodeia e o jeito pragmático do pai. Vicente ignora a necessidade de silêncio e põe-se a perguntar, e, inclusive, colocar o pai em situação difícil. Ele compara os ninhos com pacotes de bala e cria imagens bonitas como esta: “um rio de flores e luas.” Quando as perguntas da criança referem-se a questões que o pai conhece, que fazem parte de seu saber da terra, ele responde sem se incomodar com o barulho. Observa-se que há em Vicente uma resistência ao fazer do pai. Ele fala o tempo todo e liberta os peixes pescados. E como o pai interpreta o modo de ser do filho? Mais adiante, na mesma cena, ele começa a rotular a criança: “Estou tentando ensinar a você um divertimento de gente, de homem! (...) E você com esta alma de mocinha” (p. 496)

Vicente, criado pelas tias, aplica-se à leitura desde cedo, o que também será motivo de desencontro com a avó e, sobretudo, com o pai. As cenas em que já

adolescente, ocorre o enfrentamento entre os dois, não traz mais a poesia dos cinco anos. Agora o conflito de fato se coloca como uma impossibilidade de se entenderem:

ISOLINA: Vicente!

VICENTE: (15 anos. Não se contém mais) Por que se encarniçam tanto contra mim, tia? Por que não posso ser o que sou? Por quê? Por quê, meu Deus?

ISOLINA: Eles não podem compreender, meu filho.

VICENTE: Mas, é justamente o que me desespera. Vivemos isolados! Ninguém se compreende, se comunica, tia!

ISOLINA: É difícil, meu filho.

VICENTE: (Concentrado) Como vencer esse homem que me barra todos os caminhos! Estou começando a duvidar de mim mesmo, tia.

ISOLINA: (Preocupada) O que é que você espera, Vicente?

VICENTE (Exalta-se) Escapar deste mundo, caduco para mim, e me comunicar... de uma maneira ou de outra. Deve haver um meio! (p.506)

Neste momento, Vicente já sabe formular seu desencontro com o pai, mas também com o lugar, com o próprio tempo. Os jovem deseja comunicar algo que ainda não sabe o que é. Ele tenta partir, mas o vendedor de bilhete não permite por não ter ainda 18 anos. Vicente permanecerá na cidade até os 23 anos, ficará noivo com Maria, depois rompe o noivado e parte para a cidade grande. Na cidade casa-se, tem filhos, torna-se dramaturgo conhecido, professor, mas sempre vivendo o conflito de não se sentir compreendido, de ter suas peças recusadas. A imagem do pai sempre retorna, sempre a incomodar, como se a distância não tivesse apagado as dores antigas. Em seus diálogos com Lavínia, Vicente vai formular a necessidade de retorno.

LAVÍNIA: Você está no caminho certo, Vicente! Se não vencer seus fantasmas, não terá paz.

VICENTE: (Perdendo-se cada vez mais) Não posso passar a vida, perguntando quem sou eu! (Subitamente, atemorizado) Será que a incompreensão tem sido minha? A verdade já estará solta nas ruas... e eu não estou vendo? Acreditar em quê... neste vazio? (Abraça-se com Lavínia) O que está errado comigo, Lavínia? Ajude-me.

LAVÍNIA: Volte a Jaborandi, Vicente. Sem conhecer o porquê da sua confusão, não pode encontrar o caminho certo... nem a si mesmo Faça isto! Por mim.

(p. 508)

Por sua vez, João José passa a viver no meio do mato, com o vaqueiro. Também a seu modo, busca outro mundo, em que se sente feliz, em que diz se

encontrar. Ele também sofre e relembra o filho. É impossível para ele compreender porque o filho não queria aprender as coisas que para ele eram essenciais. A certa altura as rubricas colocam: "Percebe-se que seus pensamentos o torturam, que dúvida humilhante lhe corrói a alma" (p. 504) Depois que recebe o longo telegrama avisando do retorno de Vicente e que vê a foto do filho em um jornal, a crise se agudiza. Aquele desencontro com o filho permanece dentro dele, sem resolução. Em conversa com o Vaqueiro, no meio do mato, ele avalia o desencontro e parece orgulhoso do filho:

VAQUEIRO: Ouvi sua voz, compadre.

JOÃO JOSE: É o telegrama. Vicente voltou p'ra casa, compadre.

VAQUEIRO: Louvado seja Deus.

JOÃO JOSE: Meu filho ficou famoso, Vaqueiro!

VAQUEIRO: Verdade, compadre?

JOÃO JOSE: Não se lembra da notícia do jornal? Sobre aquela viagem no estrangeiro? (Grita) Era até convidado do governo, Vaqueiro! Não se lembra?

VAQUEIRO: Calma, compadre! Eu sei.

JOÃO JOSE: Tinha até uma fotografia... recebendo não sei que prêmio!

(...)

VAQUEIRO: (Pausa) Nós vamos embora, compadre?

JOÃO JOSE: Isolina telegrafou chamando. Uma verdadeira carta! (Pausa) Eu achava que ele ia sofrer, sendo daquele jeito. Eu queria ajudar!

VAQUEIRO: É por isso que anda falando sozinho, compadre?

JOÃO JOSE: Eu?!

VAQUEIRO: Como um louco, compadre! Desde que viu a fotografia no jornal!

JOÃO JOSE: Não falo sozinho coisa nenhuma!

VAQUEIRO: Está certo, compadre. Está certo.

JOÃO JOSE: (Pausa) Cada um tem uma inclinação. Diz até que meu pai tocava flauta! É verdade, Vaqueiro?

VCAQUEIRO: É! Toda tardinha!

JOÃO JOSE: Então! E era um dos antigos! Meu filho também podia gostar do que quisesse. A gente ser atrasado, é uma infelicidade, compadre. Não sabe das coisas. (p. 524/525)

A cena nos revela o reconhecimento, por parte de João José, de que errou. Mas o reconhecimento não elimina a dor, ainda. Por outro lado, é um passo a adiante – ou um *rastró atrás*, no sentido de rever o tempo vivido – corajoso e humilde. O velho caçador reconhece, agora, que a vida pode oferecer caminhos diversos do que aquele que escolhera. Os dois, pai e filho, voltam a Jaborandi: um do mato, outro, da cidade grande, para uma espécie de reconciliação, de mútua compreensão. Neste sentido, pode-se falar que o conflito, em seu desfecho, gerou um pouco de sabedoria para os dois e, porque não, para o leitor.

A última cena é comovente:

EVELVINA: Vicente!

ISOLINA: Vicente!

ESJUÍNA: Vicente!

EVELVINA: João José Chegou!

ISOLINA: Seu pai está aqui!

JESUÍNA: Vicente!

EVELVINA: Venha ver seu pai!

(Vicente levanta-se e vira-se para João José. Os dois se olha intensamente)

JOÃO JOSÉ: Como vai o grande homem.

VICENTE: Bem. E o senhor.

JOÃO JOSÉ: Já na hora do pega. (Pausa, em que os dois se examinam. Com esforço) Eu não sabia. Eu... não podia compreender, meu filho!

(Penalizado, Vicente vai se aproximando, como que atraído. Um amor profundo brota do fundo de seu ser e estampa-se em seu rosto.)

JOÃO JOSÉ: Agora... eu compreendo. (sorriso doloroso) e só fui caçador... acho que o último! Nunca sofri caçando, filho. Era o que eu desejava p'ra você. Eu...! Eu queria...! Trouxe uns presentes p'ra você. Quer?

VICENTE: (Com os olhos marejados) Quero , sim.

JOÃO JOSÉ: Vaqueiro! Vaqueiro! Traga tudo p'ra cá! O laço é de couro de a nta, filho! Eu mesmo fiz! Couros e a mais bela coleção de cabeças de cervo que já se viu. Uma lembrança...!

VICENTE: O que o senhor quis dizer com "já na hora do pega"?

JOÃO JOSÉ: Eu vim p'ra morrer, meu filho. Agora, eu posso! (Grita, disfarçando a emoção) Vaqueiro! Anda, homem! (p 525)

João José é quem fala mais; emocionado, confessa seu limite, mas também sua compreensão. A cena tem um caráter de despedida e de reconciliação final. Os presentes que oferece ao filho – sua herança – são a marca de seu modo de ser e de viver: objetos que ele mesmo construiu, com couro de caça e as cabeças de cervo. Dramaturgo e caçador se encontram não mais para brigar. Nalgum lugar estas duas profissões se aproximam. Ambas pedem isolamento, silêncio. Não têm o devido reconhecimento social e investem na captura de uma presa. Uma mais concreta, outra mais sutil, menos palpável, algum aspecto da alma humana.

Conclusão?

A longa peça de Jorge Andrade, mesmo retratando um Brasil que para muitos ficou para trás, nos coloca questões humanas de interesse bem amplos. Há, ainda, na nossa sociedade, uma grande cota de patriarcalismo que gera incompreensões, sofrimentos que poderiam ser, pelo menos atenuados. Na situação representada na peça, Vicente rompe o cerco e, com dificuldade, encontra seu modo de se expressar. E no final há uma dolorosa reconciliação. Mas na vida, nem sempre os destinos se pacificam ao final. O conflito de gerações representado nesta peça abre-nos os olhos para não pensarmos este tipo de conflito apenas por um viés psicológico – o sentir-se incompreendido, como tantos românticos que paralizam a própria vida. Há sempre um componente social, econômico que traz a sua conta de contribuição para a exacerbação dos conflitos.

Desejamos que a abordagem mais livre da peça também nos desperte para a leitura de um dos mais importantes dramaturgos de nossa língua e que permaneça um ilustre desconhecido até mesmo na academia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Jorge. *Rastro Atrás*, In:_____. *Marta, a árvore e o relógio*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.

MORSE, Richard. Mito urbano e realidade. In: ANDRADE, Jorge. *Marta, a árvore e o relógio*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.

ROSENFELD, Anatol. Visão do ciclo. In: ANDRADE, Jorge. *Marta, a árvore e o relógio*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.